

Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca

The dative pronouns of 2nd person in personal letters written in Rio de Janeiro

Recebido em 25 de maio de 2015. | Aprovado em 30 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.177>

Thiago Laurentino de Oliveira¹

Resumo: Neste artigo, analisam-se as formas pronominais dativas de 2ª pessoa, quais sejam: os clíticos *te* e *lhe*, os sintagmas preposicionados *a ti*, *para ti*, *a você* e *para você* e o objeto nulo (sem realização fonética). Entende-se por dativo o argumento interno dos verbos de dois ou três lugares, com papel temático de alvo ou fonte, substituível por *lhe*. Discutem-se os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuaram no (des)favorecimento dessas variantes durante o período de difusão do *você* no português brasileiro, por volta dos anos 1930 (cf. DUARTE, 1995). Descreve-se, também, a combinação do clítico dativo *te* com o sujeito *você* em construções como “*Você* leu o livro que eu *te* dei?”. Tal combinação, analisada tradicionalmente como “ruptura” da uniformidade de tratamento, é uma construção amplamente aceita e sem estigma social no PB atual (BRITO, 2001). O *corpus* de análise é constituído por 318 cartas particulares escritas por cariocas e fluminenses no período de um século (1880-1980). Como aparato teórico-metodológico, aplicam-se os pressupostos da sociolinguística variacionista laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) e os da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012).

Palavras-chave: pronome; dativo; segunda pessoa; carta pessoal; português brasileiro.

Abstract: In this paper, I analyze the dative pronoun forms of 2nd person, namely: the clitics *te* and *lhe*, the prepositional phrases *a ti*, *para ti*, *a você* and *para você*, and null object (without phonetic realization). I understand dative like the internal argument of the two or three places verbs, with thematic role of target or source and replaceable by clitic *lhe*. I discuss linguistic and extralinguistic factors that acted in the (dis)favoring these variants during the *você* diffusion period in Brazilian Portuguese, circa 1930s (DUARTE, 1995). I also describe the combination of *te*-dative with *você*-subject in constructions like “*Você* leu o livro que eu *te* dei?”. Such combination, traditionally considered as “break” the uniformity of treatment, is a construction widely accepted and no social stigma in the current BP (BRITO, 2001). The data sample is collected from 318 private letters written by people from the city of Rio de Janeiro during one century (1880-1980). I adopt the assumptions of Labovian variationist sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) and historical sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012).

Keywords: pronoun; dative; second person; private letter; Brazilian Portuguese.

¹ Doutorando em Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista do CNPq. thiago.laurentinodeoliveira@gmail.com

Introdução

Apresentam-se, neste trabalho, alguns resultados relativos à variação entre as formas pronominais dos paradigmas de *tu* e *você* na função de complemento verbal dativo, observada em perspectiva diacrônica, a partir da variedade carioca/fluminense. Estudos recentes, como os de Rumeu (2004, 2008), Machado (2006, 2011) e Souza (2012), têm observado que a forma de tratamento *Vossa Mercê*, que surge no século XV, passou por um processo de gramaticalização, resultando no pronome de referência à segunda pessoa do singular (2SG) *você*. Ao longo do século XIX, principalmente na variedade brasileira, tal forma pronominal passou a concorrer com o pronome *tu*, herdado do sistema de pronomes pessoais latino. A inserção de *você* e sua gradual difusão no quadro pronominal ocasionou, no português brasileiro (PB), a coexistência de diferentes representações para a 2ª pessoa do singular.

Também em perspectiva diacrônica, outros trabalhos, feitos a partir de cartas pessoais e peças teatrais dos séculos XIX e XX (cf. DUARTE, 1995; MACHADO, 2011; SOUZA, 2012), apontam que a forma *você*, em função de sujeito, teria suplantado o emprego de *tu*, na escrita, a partir das décadas de 1920-30. Em outras funções sintáticas, contudo, o *você* não se difundiu na mesma intensidade, como no caso das funções de complemento verbal.

Diante desse quadro, analisam-se os mesmos séculos investigados pelos estudos mencionados a fim de observar como se dava a representação da 2ª pessoa do singular na função de complemento dativo. Para tanto, adota-se como *corpus* um conjunto de cartas pessoais produzidas por brasileiros residentes no Rio de Janeiro (cidade e/ou estado). A discussão dos dados ancora-se nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) aliados às contribuições da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012).

A partir da análise do referido *corpus*, pretende-se discutir as seguintes questões: (i) quais eram as formas de dativo de 2ª pessoa do singular utilizadas na escrita particular de cariocas/fluminenses entre as décadas de 1880 e 1980? (ii) Que fatores linguísticos e extralinguísticos deveriam atuar no (des)favorecimento dessas variantes? (iii) o emprego das variantes acompanhava o paradigma pronominal de 2SG verificado na posição de sujeito (*você/tu*)? (iv) em que momento da diacronia considerada é possível encontrar a combinação entre formas pertencentes a paradigmas diferentes?

Como possíveis respostas a essas questões, assumem-se as seguintes hipóteses. Considerando o fato de que a inserção do *você* como forma de representação de 2SG se dá principalmente na posição de sujeito, acredita-se que o clítico *te*, por ser a forma original de 2SG, seria a variante mais frequente na diacronia estudada. Em consonância com Lopes e Cavalcante (2011), acredita-se, também, que, a partir da difusão do *você*, a frequência de objetos nulos de 2P teria aumentado, configurando como uma estratégia de “esquiva” no contexto de variação. O clítico *lhe*, outra variante dativa em análise, apresentaria uma frequência de uso instável, figurando, principalmente, como uma marca de formalidade e indicando certo distanciamento entre remetente e destinatário (cf. GOMES, 2003). Os sintagmas preposicionados apresentariam baixa recorrência na representação da 2SG, frente às demais estratégias; além disso, com o aumento no uso do *você*, as formas *a você* e *para você* passariam a substituir as formas *a ti* e *para ti* na variedade carioca/fluminense.

Ao lado das hipóteses descritas, postula-se, ainda, que a dita “uniformidade de tratamento” não seria uma realidade absoluta da escrita epistolar, sendo, na realidade, uma artificialidade da tradição normativa que sobrevive até hoje nos compêndios gramaticais (cf. BRITO, 2001; LOPES, 2012). Os subgêneros do gênero carta pessoal, determinados pelo grau de proximidade entre os indivíduos e pela finalidade/tema da mensagem, também atuariam diretamente no uso de determinadas variantes.

O artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: além da introdução, descreve-se o objeto de estudo na seção 1; apresentam-se os pressupostos teóricos e a metodologia adotada para o levantamento e a análise do *corpus* na seção 2; os resultados e a análise dos pronomes dativos de 2ª pessoa do singular são discutidos em 3; em 4, reúnem-se as considerações finais deste trabalho.

1. Descrevendo o objeto de estudo

O dativo caracteriza-se, desde o latim, pela hibridez e multiplicidade tanto de contextos morfossintáticos quanto de sentidos veiculados, fato que torna difícil, em muitos casos, a formulação de uma definição

razoavelmente precisa. No âmbito deste trabalho, utiliza-se a definição proposta por Mateus *et alii* (2003, p. 289), segundo as quais o dativo/Objeto Indireto (OI) é tido como “o argumento interno de verbos de dois ou três lugares com o papel semântico de Alvo ou Fonte”.

As referidas autoras apontam ainda outras propriedades típicas do Dat/OI: a animacidade do argumento, isto é, o constituinte OI é, na maioria dos casos, [+animado]; a possibilidade de cliticização para os casos em que o OI é um pronome pessoal, sendo a forma clítica *lhe* a principal marca do caso dativo (p. ex., “Ela mandou um presente *para você*” > “Ela *lhe* mandou um presente”); a presença das preposições *a* ou *para*² quando assume a forma de um sintagma preposicional.

A partir de um viés mais semântico, Van Hoecke (1996) e Berlinck (1996) afirmam que o argumento dativo constitui o polo de orientação para o qual tendem as ações e os processos expressos pela predicação da sentença. Este é um traço comum a todos os constituintes considerados como dativos; de maneira mais ou menos concreta (a depender da semântica do elemento predicador), haveria no dativo a instanciação de um estágio final, de um ponto terminal.

Diversos estudos acerca da expressão do dativo no português brasileiro têm demonstrado, dentre outras coisas, uma tendência ao apagamento do pronome clítico de terceira pessoa (*lhe*) ao lado do aumento progressivo na utilização de sintagmas preposicionais introduzidos pela preposição *para*. O apagamento do *lhe* não representa, todavia, o desaparecimento deste clítico, uma vez que ele sofre tal processo na terceira pessoa (3SG), enquanto que, em alguns dialetos, é utilizado como referência à segunda pessoa (2SG). Essa mudança também teria se difundido, principalmente, após a entrada da forma *você* no paradigma de 2SG.

No que tange, especificamente, à representação pronominal da 2ª pessoa do singular, foco central deste artigo, o complemento dativo aparece, no *corpus* selecionado, sob a forma dos clíticos *te* e *lhe*, dos sintagmas preposicionais *a ti*, *para ti*, *a você* e *para você*. Além dessas variantes, registrou-se ainda o dativo nulo, sem realização grafo-fonética³. Sendo assim, constata-se que os dados de dativo computados na amostra podem ser divididos em três grupos, segundo a sua organização morfossintática: (i) clítico; (ii) sintagma preposicional e (iii) objeto nulo. Em (01-03), são apresentados alguns exemplos dessas estratégias, extraídos do *corpus*:

- (01) pronome clítico:
- Não **te** conto a maior, quero dizer **te** conto sim. Teu pai me chamou para voltar à sua casa quando eu pudesse. [02-08-1978]
 - Eu não apressei-me em escrever **lhe** falando no seu novo despacho porque a falar a verdade não fiquei contente com o lugar que **lhe** deram (...). [14-11-1874]
- (02) sintagmas preposicionais:
- (...) diz-se que Você é quem influe para que a revolução continue, enfim atribuam **a ti** tudo, nunca vi maior injustiça, espero que tudo isto desapareça e que venha a verdade. [25-04-1894]
 - São 11 horas preciso dormir, se não fosse isso seria capaz de ficar a noite toda **escrevendo para ti**, dizendo tudo quanto sinto por ti, porque quando estou junto de ti a emoção embarga-me a voz, faz-me fugir as palavras, e fico mudo. [02-03-1937]
 - Maria e eu **enviamos** um afetuoso abraço a Yolanda e **a você**. [04-04-1972]
 - Bia **vou mandar prá você**, como presente de aniversário, uma fita do grupo ‘Balão Mágico’. Espero que você a curta bastante, ok? [24-10-1985]
- (03) objeto nulo:
- Fora o que já **ø** contei, não tenho feito nada de extraordinariamente interessante. [08-05-1983]
 - A sua conta eu **ø** mando depois vou juntar tudo o que você me deve não tenho pressa do cobre, enquanto estiver na sua mão não gasto eles (...) [25-08-1907]

² Em um reduzido número de casos, o dativo pode ser encabeçado por uma preposição diferente de *a* e *para*. Por exemplo, quando o argumento dativo assume o papel semântico de FONTE, é mais comum (senão a única possibilidade) que ele seja encetado pela preposição *de*, especialmente no PB: “A Maria tomou a caneta *de você*” > “A Maria *lhe* tomou a caneta”; “O João roubou um beijo *de ti*” > “O João *te* roubou um beijo”.

³ Considerou-se a ocorrência dos dativos nulos nos contextos em que, pela estrutura argumental do verbo, estava prevista a realização de um constituinte com relação gramatical de objeto indireto. Para mais detalhes, ver a seção de pressupostos teóricos e metodológicos.

Após a breve descrição do fenômeno apresentada anteriormente, faz-se necessário, antes de discutir os resultados obtidos durante a pesquisa, comentar os principais pressupostos teóricos que nortearão as análises bem como os critérios e decisões metodológicos adotados.

2. Pressupostos teóricos e metodológicos

Para embasar a discussão feita em torno dos pronomes dativos de 2SG, recorre-se, neste trabalho, a uma conjugação entre o que se convencionou chamar de sociolinguística laboviana (SL) e sociolinguística histórica (SH). Essas “sociolinguísticas” constituem, na realidade, duas ramificações da sociolinguística *lato sensu*. Por essa razão, SL e SH compartilham entre si vários aspectos, tais como: a observação e descrição da dita heterogeneidade ordenada, entendendo que a realidade do sistema linguístico não é homogênea e, por isso mesmo, as línguas naturais apresentam processos de variação regidos por um conglomerado de fatores estruturais e sociais; o reconhecimento de que toda mudança emerge da variação linguística; o controle de fatores externos ao sistema linguístico que podem condicionar processos de variação/mudança nas línguas; a constituição de *corpora* de análise que objetivam registrar a ação das variáveis linguísticas em dados reais de uso.

Já em Weinreich, Labov e Herzog (1968) pode-se constatar que a relação entre a configuração das línguas do presente e do passado sempre foi um fato que chamou a atenção dos estudiosos da sociolinguística. Os postulados teóricos reunidos em *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* visavam justamente a modificar a perspectiva que existia, até então, acerca da mudança linguística. Dentro da perspectiva sociolinguística, os fatores extralinguísticos passam a ser vistos como condicionadores, que, articulados aos fatores linguísticos, podem acelerar ou refrear o avanço de uma mudança em curso.

Por que, então, falar nessas “duas sociolinguísticas”, se, em princípio, ambas estariam assentadas sobre os mesmos pressupostos? Na realidade, a diferença crucial entre SL e SH reside na metodologia e nos objetivos da investigação; enquanto a SL focaliza, mormente, uma sincronia atual, explorando dados da língua falada e identificando e analisando processos de variação, a SH atém-se a sincronias passadas, através de dados da língua escrita, e, na maioria dos casos, investiga processos de variação no passado que se consolidaram em mudança no presente. Em outras palavras, a SL buscaria compreender a língua do passado com base no que se tem na língua do presente, ao passo que a SH faria o caminho inverso, resgatando o(s) estágio(s) anterior(es) da língua a fim de compreender como se chegou à língua do presente.

Ao longo da segunda metade do século XX, entretanto, não se observa um desenvolvimento expressivo de estudos no campo da SH, tal como ocorreu para a SL. Devido às grandes dificuldades enfrentadas no trabalho com os dados históricos, a vertente variacionista desenvolvida por Labov apresentou um progresso maior quanto à constituição de *corpora*, metodologia de pesquisa, estudos de caso e análise da variação e mudança linguística. No Brasil, ainda são poucas as pesquisas cujos pressupostos teórico-metodológicos pertencem estritamente à SH. Muitas vezes, os estudiosos tentam aplicar os postulados e princípios variacionistas labovianos para as sincronias passadas, o que, na realidade, constitui um equívoco para o tratamento de dados históricos.

Em primeiro lugar, é quase impossível constituir um *corpus* histórico aos moldes labovianos, com um número relativamente equilibrado de informantes de diferentes faixas etárias, sexos e categorias sociais. Isso se deve ao fato de, como assinala Conde Silvestre (2007), a SH trabalhar com um material enviesado, que sobreviveu “por acaso” à ação do tempo. Tal material torna inconcebível pensar, por exemplo, em uma análise do valor social das variantes de determinado fenômeno entre homens e mulheres de certos períodos históricos, uma vez que esse material pode sequer ter existido.

Além do caráter eminentemente fragmentário do texto histórico, existe ainda o problema da conservação por meio escrito. Diferentemente dos fenômenos investigados pela SL, que, em princípio, são escolhidos pelos pesquisadores, na SH os estudiosos limitam-se a estudar aquilo que estiver disponível no material encontrado⁴.

⁴ Uma observação importante: a não detecção de um fenômeno linguístico dentro do *corpus* não significa que ele não tenha existido em estágios precedentes da língua; do mesmo modo, o levantamento de certas variáveis no *corpus* não significa que elas tenham sido amplamente utilizadas na língua falada. Há uma série de fatores de ordem linguística e social que condicionam o aparecimento ou não das formas gramaticais em textos de sincronias passadas e o pesquisador que venha a trabalhar com SH deve ter consciência disso. A esse respeito, ver Hernández-Campoy e Schilling (2012).

Dessa forma, o trabalho em SH está, em boa medida, condicionado ao *corpus* com que o linguista irá trabalhar; somente após uma inspeção do material linguístico coletado, é possível dizer se a pesquisa é viável ou não.

Outro ponto que precisa ser levado em conta diz respeito aos informantes. Hernàndex-Campoy e Schilling (2012) assinalam como problemas recorrentes a questão da *autoria* (quem são os verdadeiros autores dos documentos? Os textos podem ter sido escritos pela mão de terceiros?), da *autenticidade* (Que norma linguística é reproduzida no documento? Até que ponto o informante faz usos linguísticos autoconscientes?) e da *validade social e histórica* (Em que modelo de sociedade/comunidade o informante vivia? Que particularidades dessa sociedade/comunidade poderiam interferir na escrita do informante?).

Diante desse breve panorama acerca das questões com que lidam os estudiosos dentro da SH, fica evidente a incongruência que seria aplicar indistintamente a metodologia da pesquisa laboviana para os dados históricos. Cabe, então, ao pesquisador formular a metodologia de coleta e análise dos dados mais profícua para o fenômeno que esteja sendo investigado. Dentro dessa metodologia, é preciso que se considere, por exemplo, o gênero textual mais propício ao aparecimento do fenômeno investigado, a disponibilidade de material para o recorte cronológico estudado e a quantidade de informações disponíveis sobre os informantes e/ou a sociedade/comunidade em que viveram.

No presente estudo, a motivação para adotar o gênero carta pessoal como *corpus* é de ordem discursiva. Graças ao caráter dialógico desse gênero, o remetente utiliza, com certa frequência, formas pronominais para se dirigir ao destinatário. Portanto, o gênero epistolar constitui um material bastante adequado para a obtenção de dados do fenômeno investigado.

Quanto ao recorte cronológico, vale ressaltar que seria tarefa bastante difícil (ou mesmo impossível) encontrar materiais de língua falada para as sincronias mais recuadas no tempo (finais do século XIX e começo do século XX). Nesse sentido, os dados oriundos de cartas pessoais são novamente bastante adequados, pois elas se aproximam, segundo Koch e Oesterreicher (1985, 1994), às situações de interação comunicativa mais imediata (reproduzem uma “conversa à distância”) e são mais suscetíveis a apresentar variação linguística.

A proximidade temporal do recorte cronológico considerado traz algumas vantagens para a pesquisa de caráter sócio-histórico, como, por exemplo, a legibilidade do material encontrado, a possibilidade de obter informações mais precisas acerca da sociedade na qual viveram os informantes e as transformações históricas pelas quais esta sociedade passou. Entretanto, há também problemas que não podem ser ignorados.

O primeiro problema refere-se à disponibilidade de materiais do passado, algo que se torna ainda mais difícil para documentos pessoais: por razões de valorização social (cf. ELPASS, 2012), era um hábito da sociedade de outros tempos que as pessoas descartassem ou destruíssem textos particulares, por diferentes razões. A falta de consciência para a preservação de documentos é mais latente nas categorias mais baixas da sociedade. Com isso, o material disponível em arquivos públicos pertence, na maioria dos casos, a pessoas ilustres cujos parentes julgaram importante preservar seus escritos, conservando a memória através dos documentos. Não raro, encontram-se cartas de artistas, escritores e políticos, como o *corpus* da Família do ex-presidente da República Affonso Penna (1906-1909), situado no Arquivo Nacional-RJ, transcrito e editado por Pereira (2012) e utilizado parcialmente neste trabalho.

O segundo problema seria a disponibilidade de informação sobre os autores das missivas. Tal entrave também é mais acentuado para os dados das classes mais baixas da população. Uma vez que os indivíduos das classes altas, em geral, têm interesse em preservar seus escritos, as informações biográficas disponíveis acerca dos mesmos são mais numerosas. Junte-se a isso o fato de eles serem pessoas ilustres, com destaque na sociedade em que viveram. Em contrapartida, os poucos documentos que restam de indivíduos das classes baixas trazem escassos dados biográficos, tornando seus autores praticamente anônimos. O pesquisador que lida com esses materiais fica praticamente restrito a informações presentes nos próprios documentos.

O terceiro e último problema incide na questão da representatividade da amostra. O sociolinguista histórico não tem como obter mais dados, visto que seu trabalho restringe-se ao que sobrou do passado. Isso constitui um forte obstáculo, visto que a quantidade e a qualidade dos textos variam consideravelmente de um recorte temporal para outro. É tarefa árdua – por vezes, impossível – obter uma quantidade razoável de dados cujos informantes possuam as mesmas características linguísticas e sociais a fim de comparar os dados entre si. Confrontar dados de diferentes sincronias obtidos de informantes com perfis sociolinguísticos díspares pode

distorcer os resultados da análise. O pesquisador deve respeitar tais diferenças para não negligenciar os fatores sociais e externos que atuam sobre os usos linguísticos.

As cartas particulares compiladas para o *corpus* deste trabalho são marcadas pela heterogeneidade no plano linguístico e no nível social: coletaram-se desde documentos escritos por brasileiros ilustres, como o médico e sanitarista Oswaldo Cruz, até cartas trocadas por um casal de noivos, completamente anônimos. A fim de reunir um número relevante de dados, recorreu-se a três fontes diferentes: acervos de pesquisa e documentação; publicações de pesquisadores em obras de edição; *corpora* utilizados em teses e dissertações sobre pronomes.

Dos acervos de documentação, foram consultados o *Departamento de Arquivo e Documentação* (DAD) da *Casa de Oswaldo Cruz* (COC), situado na cidade do Rio de Janeiro, e o *Corpus Compartilhado Diacrônico* (CCD), disponível *online* no site do Laboratório de História do Português Brasileiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁵. No DAD, encontra-se a documentação pessoal do médico Oswaldo Cruz e sua família. Os Acervos *Cupertino do Amaral*, *Affonso Penna Júnior*, *Land Avellar* e *“Casal dos anos 30”* foram acessados através do CCD. Os documentos organizados em publicações foram extraídos de duas obras: *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*, organizado pelos professores Dinah Callou e Afranio Barbosa e publicado em 2011; *Língua e Sociedade: A história do pronome “Você” no português brasileiro*, da professora Márcia Rumeu, publicado em 2013. O primeiro título reúne 17 cartas endereçadas ao político e diplomata brasileiro Rui Barbosa. A obra de Rumeu (2013) consiste na publicação da tese de doutorado da autora, defendida em 2008. No livro, Rumeu apresenta ainda 170 missivas das Famílias Pedreira Ferraz e Magalhães. Dos trabalhos acadêmicos que adotaram cartas particulares como *corpus*, foram consultadas as dissertações de Souza (2012), Pereira (2012), Silva (2012) e a tese de Paredes Silva (1988).

O controle quantitativo dos dados foi o parâmetro adotado para estabelecer equilíbrio na amostra. Para cada um quarto de século analisado⁶ (1880-1980), levantou-se uma média de 200 dados. Isso justifica, por exemplo, a maior ou menor quantidade de cartas e/ou informantes de determinada amostra em certo período. Em seguida, esses dados foram codificados e submetidos ao programa estatístico *GOLDVARB-X*, a fim de obter as frequências das variantes segundo cada um dos grupos de fatores controlados.

Os fatores que se mostraram determinantes para o aparecimento dos dados nas cartas são de ordem discursiva: o tema/assunto abordado pelo remetente (íntimo, familiar, social, político etc), o tom adotado pelo remetente (amigável, repressivo, autoritário, romântico) e a implicação do interlocutor na cena discursiva condicionaram a frequência e produtividade dos dados de pronomes dativos com referência à segunda pessoa do singular.

Dividiu-se, ainda, o conjunto de 318 documentos selecionados como *corpus* de análise em três “subgêneros” do gênero *carta particular*⁷, a partir de dois parâmetros preestabelecidos – a temática predominante no texto e o grau de intimidade entre o remetente e o destinatário. São eles:

- (a) *cartas pessoais*: são aquelas trocadas entre amigos, em que geralmente havia pouca intimidade entre remetente e destinatário. Nessas cartas, verifica-se uma temática variada, embora predomine o envio e/ou solicitação de notícias de ordem pessoal. As cartas endereçadas a Rui Barbosa e as cartas do acervo da Família Brandão fazem parte desse subgênero;
- (b) *cartas familiares*: são aquelas trocadas entre membros pertencentes a uma mesma família, geralmente enviando ou solicitando informações sobre os entes comuns, tratando de assuntos ou negócios familiares ou pedindo favores; nessas cartas, há um grau de intimidade mediano, pois, apesar da proximidade familiar, prevalecem as relações interpessoais assimétricas (por exemplo, entre pai/mãe e filho ou tio e sobrinho). As cartas da Família Pedreira Ferraz e do acervo de Affonso Penna Júnior fazem parte desse subgênero;

⁵ <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico>>.

⁶ Os anos de 1880 e 1980 não devem ser tomados como um recorte cronológico preciso; eles são utilizados para referenciar as décadas que demarcam o ponto inicial e final da diacronia analisada.

⁷ Evidentemente, nem todas as amostras se circunscrevem totalmente em um único subgênero. No acervo do médico Oswaldo Cruz, por exemplo, há cartas amorosas e familiares; no acervo Cupertino do Amaral, há cartas familiares e pessoais; na amostra de Cartas Cariocas (1979-1985), há cartas familiares, pessoais e amorosas. Dessa maneira, as amostras que compõem o *corpus* não devem ser tomadas como unidades coesas quanto ao subgênero de carta particular.

- (c) *cartas amorosas*: são aquelas trocadas entre casais de namorados ou noivos, em que predomina uma temática afetivo-emocional, tratando do relacionamento amoroso em si, com elevado grau de intimidade. As cartas do “Casal dos anos 30” e do acervo da Família Lacerda fazem parte desse subgênero.

Feitas as considerações teóricas e metodológicas relevantes ao tema investigado, parte-se, agora, para a análise e apreciação dos resultados obtidos.

3. Análise e resultados

Dos 318 documentos analisados, obteve-se um total de 811 ocorrências de complemento dativo com referência à 2ª pessoa do singular. No Gráfico 1, expõe-se a distribuição das variantes em estudo.

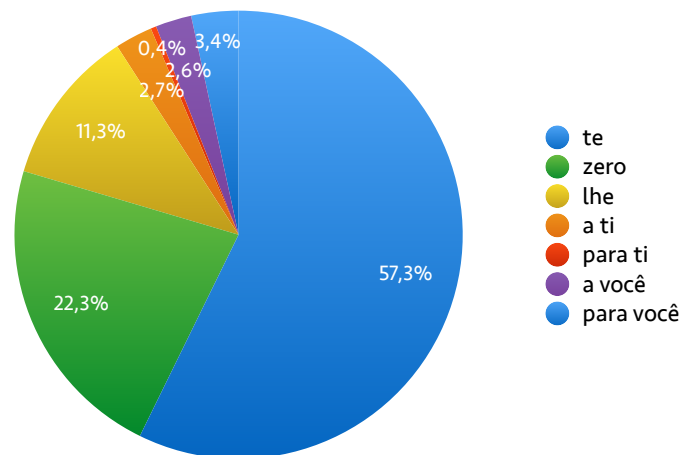


Gráfico 1. Percentual de ocorrência das variantes dativas nas cartas cariocas e fluminenses (1880-1980).

Como se pode observar, mais da metade dos dados de complemento dativo corresponde ao clítico *te*: 464 das 811 ocorrências levantadas no *corpus*, o que representa 57,2% da amostra. A segunda variante mais frequente foi o objeto nulo, com 22,3% (181 dados). O clítico *lhe* é a terceira forma mais produtiva, correspondendo a 11,3% das ocorrências (92 dados). Dentre as variantes de sintagma preposicionado, nenhuma atingiu 5% da amostra; contabilizamos 3,4% de *para você* (28 dados), 2,7% de *a ti* (22 dados), 2,6% de *a você* (21 dados) e 0,4% de *para ti* (3 dados).

A fim de analisar diacronicamente os dados de dativo de 2SG coletados, divide-se, no Gráfico 2, a frequência das variantes em quartos de século:

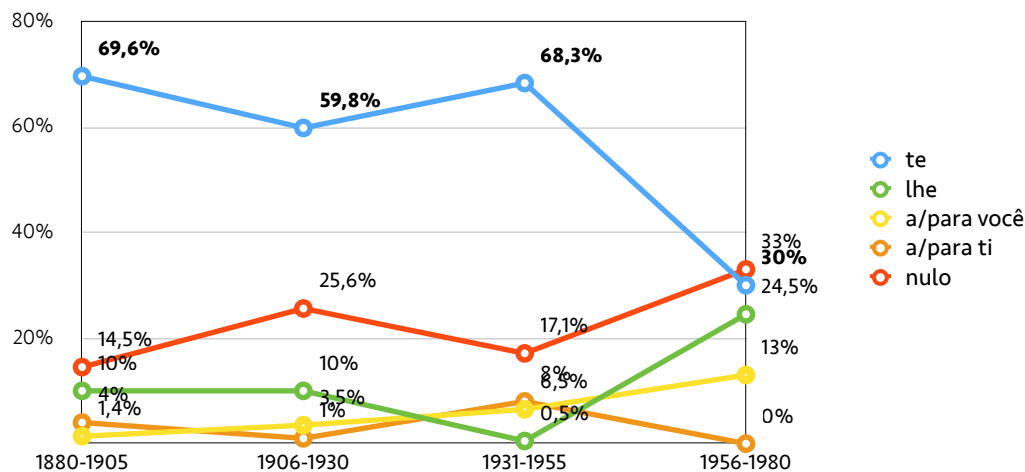


Gráfico 2. Percentual de ocorrência das variantes dativas na diacronia analisada (1880-1980).

Primeiramente, nota-se que o clítico *te*, assim como foi verificado no Gráfico 1, representa mais da metade da amostra em três quartos do período focalizado, sofrendo uma diminuição de percentual de frequência apenas no 4º período (de 68,3% no período anterior para 30,0% no período em questão). É também no último período que há maior equilíbrio no emprego das estratégias, especialmente entre o clítico *te*, o objeto nulo (32,5%) e o clítico *lhe* (24,5%). Os sintagmas preposicionados *a você* e *para você* totalizam 13,0% (4,0% para o primeiro e 9,0% para o último). A representação ilustrada pelo gráfico permite visualizar também o desaparecimento gradativo dos sintagmas preposicionados relacionados ao paradigma de *tu* nos documentos produzidos no Rio de Janeiro (*a ti* e *para ti*), acompanhado do aumento nas taxas de sintagmas preposicionados relacionados ao *você* (*a você* e *para você*).

Nas próximas linhas, apresenta-se a distribuição das variantes de acordo com as amostras que compõem o *corpus*. Cada tabela representa um quarto de século analisado.

1º período (1880-1905): a supremacia do tratamento de 2SG *tu*

1º período (1880-1905)	<i>te</i>	<i>zero</i>	<i>lhe</i>	<i>a ti</i>	<i>para ti</i>	<i>a você</i>	TOTAL
Cruz	73	6	-	2	-	1	82
	89,1%	7,3%	-	2,4%	-	1,2%	38,5%
Pedreira	17	7	2	-	1	-	27
	63,0%	25,9%	7,4%	-	3,7%	-	12,7%
Rui Barbosa	46	8	3	5	-	-	62
	74,2%	12,9%	4,8%	8,1%	-	-	29,1%
Penna Jr.	3	1	-	-	-	1	5
	60,0%	20,0%	-	-	-	20,0%	2,3%
Cupertino	10	9	17	-	-	1	37
	27,0%	24,3%	46,0%	-	-	2,7%	17,4%
TOTAL	149	31	22	7	1	3	213
	69,9%	14,6%	10,3%	3,3%	0,5%	1,4%	100%

Tabela 1. Distribuição das variantes dativas entre as amostras do 1º período (1880-1905).

Cinco das dez amostras utilizadas apresentaram dados de pronomes dativos de 2ª pessoa do singular para o 1º período: a amostra do médico Oswaldo Cruz, a coleção da Família Pedreira Ferraz-Magalhães, a amostra de cartas endereçadas a Rui Barbosa, a coleção de missivas da família do ex-presidente Afonso Penna e a amostra da família Cupertino do Amaral. Neste subconjunto, percebe-se o predomínio das formas relacionadas ao paradigma de *tu*: verifica-se uma frequência de 69,9% para o clítico *te*, 3,3% para o sintagma *a ti* e 0,5% para o sintagma *para ti*. Cabe destacar que a forma de 2SG utilizada na posição de sujeito dessas cartas é predominantemente o *tu*, fato que poderia justificar, de certa forma, os índices registrados na Tabela 1.

Neste período, o objeto nulo é a segunda variante mais produtiva, tendo sido contabilizado nas cinco amostras. O clítico *lhe* ocorre com mais frequência nos dados da Família Cupertino, como consequência de um tratamento mais respeitoso e distanciado entre os escreventes. O sintagma preposicionado *a ti* é mais recorrente do que o *para ti*, como atestam os dados da família Cruz e das cartas a Rui Barbosa. Alguns exemplos das ocorrências comentadas são dados abaixo:

- (04) (...) as tempestades que a muito tempo se desencadearão sobre esta terra tenho fé em Deus andem passar, tudo voltará a seus eixos, espero ainda ver-te grande, feliz, estimado e muito contente no seio de tua família, o futuro **a ti** pertence, os dias felizes virão, tenha confiança no teu destino [05-03-1895]
- (05) Tenho te escripto muitas cartas, tenho tirado dos jornaes tudo que diz respeito **a ti** e que te pode interessar, tenho remetido (...) [05-03-1895]
- (06) Peço-**lhe** que remeta a carta inclusa para Petrópolis, não querendo eu mandá-la daqui diretamente com receio que extravie. [12-02-1873]
- (07) Peço-**lhe** que me responda sobre isto e também me diga quanto lhe devemos das duas publicações que o Espinola mandou fazer. [14-11-1874]

2º período (1906-1930): o início do espraiamento de você como variante de tu

2º período (1906-1930)	<i>te</i>	<i>zero</i>	<i>lhe</i>	<i>a ti</i>	<i>para ti</i>	<i>a você</i>	<i>para você</i>	TOTAL
Cruz	30	-	-	1	1	-	-	32
	93,8%	-	-	3,1%	3,1%	-	-	16,1%
Pedreira	17	5	8	-	-	-	1	31
	54,8%	16,2%	25,8%	-	-	-	3,2%	15,6%
Avelar	49	41	9	-	-	5	-	104
	47,1%	39,4%	8,7%	-	-	4,8%	-	52,3%
Penna Jr.	23	5	3	-	-	-	1	32
	71,9%	15,6%	9,4%	-	-	-	3,1%	16,1%
TOTAL	119	51	20	1	1	5	2	199
	59,8%	25,6%	10,1%	0,5%	0,5%	2,5%	1,0%	100%

Tabela 2. Distribuição das variantes dativas entre as amostras do 2º período (1906-1930).

Integram o 2º período dados das Famílias Cruz, Penna e da Pedreira Ferraz-Magalhães. Além dessas, que já figuravam no 1º período, contabilizam-se ainda dados retirados de cartas da Família Land Avelar. Chama a atenção o aparecimento mais expressivo da forma *lhe* em três das quatro amostras em questão. Qual seria a razão? Assume-se, por hipótese, que, nesse momento, a difusão do *você* no sistema desencadeia uma profunda instabilidade no uso dos pronomes, decorrente de um sistema mesclado na posição de sujeito (cf. RUMEU, 2008; LOPES, 2011). Detectam-se sete variantes de dativo (frente às cinco do período precedente). Sendo assim, parece que o clítico *lhe* torna-se mais recorrente, estabelecendo a simetria formal entre as posições de sujeito e objeto indireto.

Embora se verifique o acréscimo de *lhe*, o clítico *te* continua sendo a estratégia preferida. Não é mais possível afirmar, contudo, que os dados de *te* ocorram apenas relacionados ao pronome-sujeito *tu*, tendo em vista que foram encontrados exemplos da combinação “*você*-sujeito + *te*-dativo”. O objeto nulo mantém-se também como a segunda variante mais recorrente em duas das quatro amostras do período, ficando atrás do *lhe* na amostra da Família Pedreira Ferraz, que, no 1º período, registrava aquela estratégia como a segunda mais frequente. Seguem exemplos desse período:

- (08) Diga ao Edgard que recebi a carta dele que não respondo porque a resposta é a que agora dou **a você**. [13-05-1917]

- (09) O dicionário serviu bem e mamãe mandou pelo Tito agradecer **a você**, bem como tudo que mandou-lhe. [08-06-1917]
- (10) Visto que o retrato lhe agradou, vou ver si tiro outro com o rabut francez; mandarei logo **para você** e para os outros irmãos. [10-04-1921]
- (11) Você querendo me favorecer, compra **para você** e só será meu quando eu te pagar. [12-02-1909]

3º período (1931-1955): variação tu e você consolidada

3º período (1931-1955)	<i>te</i>	<i>zero</i>	<i>lhe</i>	<i>a ti</i>	<i>para ti</i>	<i>a você</i>	<i>para você</i>	TOTAL
Casal	122	30	1	13	1	4	8	179
	68,2%	16,8%	0,5%	7,3%	0,5%	2,2%	4,5%	90,0%
Pedreira	14	4	-	1	-	1	-	20
	70,0%	20,0%	-	5,0%	-	5,0%	-	10,0%
TOTAL	136	34	1	14	1	5	8	199
	68,3%	17,2%	0,5%	7,0%	0,5%	2,5%	4,0%	100%

Tabela 3. Distribuição das variantes dativas entre as amostras do 3º período (1931-1955).

Só foram encontrados dados de dativo em duas amostras do 3º Período: as cartas trocadas entre o “casal dos anos 1930” e entre alguns membros da Família Pedreira Ferraz. É interessante observar que a amostra do casal registra, pelo menos, um dado de cada uma das sete variantes do complemento dativo, o que evidencia um acentuado processo de variação. O clítico *lhe*, que no 2º período teve uma frequência expressiva, registra um índice bastante baixo. Em contrapartida, o clítico *te* segue com uso hegemônico (68,3%), seguido do objeto nulo (17,2%). Torna-se mais claro do que no período anterior que o pronome *você* na função de sujeito passou a se combinar livremente com o *te* em função dativa, derrubando qualquer possibilidade de evidência em favor de uma “uniformidade de tratamento”. Os exemplos comprovam as ocorrências dessa combinação:

- (12) Muito **te** agradeço tudo que Você fez por nossa irmasinha; coitada; tenho tanta pena; e isto de longe que seria vêr de perto como ella está. [28-11-1933]
- (13) Muitas penas passa minha alma – em um papelinho **te** conto e Você responde tambem não na carta, senão a parte. [01º-02-1948]
- (14) (...) eu fiquei triste de você brigar no escritório eu peço-**te** para ficares mais calmo, manda-me dizer por que você brigou com Senhor Mario. [22-09-1936]
- (15) eu escrevo para minha casa depois o Antoninho **te** entrega e de pois você rasga ou manda para mim. [19-01-1937]

Cumprer destacar ainda a elevação nos índices do sintagma preposicionado *a ti*. Esse aumento decorre de aspectos de ordem discursivo-pragmática e sintática presentes nas cartas do 3º período: nesse recorte temporal, concentra-se um número considerável de cartas amorosas, escritas principalmente pelo remetente JOS, da amostra do “Casal dos anos 1930”. É um traço característico do subgênero o tom lírico-romântico assumido pelo remetente, que marca uma posição de submissão/subserviência em relação ao destinatário. Dentre as estratégias sintáticas utilizadas para marcar essa relação entre o emissor e o receptor, figura o uso do sintagma preposicionado, nesse caso *a ti*, uma forma tônica usada em contextos de ênfase, contraste ou em estruturas topicalizadas. Portanto, tal variante seria favorecida nas cartas amorosas (i) discursiva e pragmaticamente, por ser uma estratégia que concede proeminência discursiva à figura do receptor, e (ii) sintaticamente, por ser uma

variante que pode ocorrer numa construção de tópico ou foco (diferentemente dos clíticos). Os exemplos a seguir ilustram essa explicação:

- (16) Minha querida só **a ti** é que pertence todo o meu amor, só de ti minha flor que eu espero todo o meu ideal, a esperança que brota de meu peito cresce de uma forma espantosa, envolvendo-nos e unindo-nos cada vez mais [22-09-1936]
- (17) e para ti minha flor recebe com amor muitos beijos deste teu apaixonado noivinho, que só **a ti** pertence. [05-10-1936]
- (18) Vivemos eternamente um para o outro, amando cada vez mais, esquecendo as dores de agora, o meu coração terá eternamente em teu peito batendo dando-te vida, e o teu viverá em meu peito dando-me vida e alento para continuar dedicando **a ti** todo o amor que mereces [16-03-1937]

4º período (1956-1980): generalização de você

4º período (1956-1980)	<i>te</i>	<i>zero</i>	<i>lhe</i>	<i>a você</i>	<i>para você</i>	TOTAL
Brandão	-	2	34	5	-	41
	-	4,9%	82,9%	12,2%	-	20,5%
Lacerda	15	27	1	3	3	49
	30,7%	55,1%	2,0%	6,1%	6,1%	24,5%
Cartas Cariocas	45	36	14	-	15	110
	41,0%	32,7%	12,7%	-	13,6%	55,0%
TOTAL	60	65	49	8	18	200
	30,0%	32,5%	24,5%	4,0%	9,0%	100%

Tabela 4. Distribuição das variantes dativas entre as amostras do 4º período (1956-1980).

São representativos do 4º período os dados da Família Brandão, da Família Lacerda e dos “cultos cariocas”. A combinação dos dados presentes nessas amostras proporciona um painel curioso quanto às ocorrências das variantes. Em primeiro lugar, o resultado peculiar na amostra de cartas da Família Brandão deve-se ao estilo excessivamente formal adotado na escrita do seu remetente, que se coloca, a todo tempo, em condição de respeito e apreço para com seu destinatário, o “embaixador”. Não por acaso, dessa amostra advém mais da metade dos dados do clítico *lhe* registrados para o período (69,4%, ou seja, 34 dos 49 dados dessa variante).

Em relação ao informante da Família Lacerda, um fato curioso: essa é a única amostra em que a frequência de objeto nulo (55,1%, isto é, 27 dos 49 dados) superou a frequência do clítico *te* (30,7%, ou seja, 15 dos 49 dados). Contabilizou-se, todavia, ao menos uma ocorrência de cada uma das cinco estratégias presentes no 4º período nos documentos desse informante.

Entre os dados extraídos das “cartas cariocas”, vê-se que o *te* persiste como estratégia preferida (41,0%, 45 dos 110 dados obtidos), seguido do objeto nulo (32,7%, 36 ocorrências). Os índices de *lhe* e *para você* são praticamente os mesmos. Os dados dessa amostra são os que mais se aproximam ao que pode ser encontrado atualmente na variedade carioca – falada e escrita –, em especial, naquela utilizada pelos indivíduos usuários da norma culta: um uso indiscriminado do clítico *te*, seguido do apagamento do dativo (objeto nulo); em menor escala, o emprego do clítico *lhe*, restrito a situações de maior formalidade, e do sintagma preposicionado *para você* (como um uso enfático ou expressivo, principalmente). Vejam-se alguns exemplos desse período:

- (19) O Academico Ministro Hermes Lima tambem está escrevendo suas memorias, devem sair este ano (...), si ele não **lhe** oferecer um livro, que aliás disse-me que ia **lhe** oferecer eu **lhe** enviarei. [20-04-1971]

- (20) (...) você pediu ao Roberto um retrato de Tio Martinho, Roberto prometeu mas nunca **lhe** deu, você contou isto ao Visconde, o Visconde escreveu-me e eu **lhe** enviei, um “negativo” por carta, você agradeceu, aí começou o “bate bola”. até hoje.
- (21) Quero saber o que se passa por essa cabecinha oca aí. O que voce pensa de mim agora? Peço **o** também respostas sinceras. [14-04-1977]
- (22) Fiquei preocupado quando disse que não recebeu ainda nenhuma outra carta, mas eu **o** mandei uma com algumas fotos minhas e com uma foto que gosto muito, de Guarapari na qual estava junto com voce. [15-08-1978]
- (23) Então **te** pergunto. Se você puder comprá-lo e me enviar, não seria mais barato? Ou melhor ainda, se você pudesse fotocopiá-lo (xerocá-lo) acho que seria ainda mais barato. [??-07-1983]
- (24) Há dois anos atrás se ele **te** proposse casamento você nem piscaria, garanto. [??-03-1982]

À primeira vista, seria possível pensar em uma redução do uso de *te*; entretanto, o que parece ter ocorrido, na realidade, foi um aumento na frequência das demais variantes. Parece que a orientação normativa em relação à uniformidade de tratamento é a grande responsável pelo “reaparecimento” expressivo dos clíticos *lhe* nas cartas do 4º período, já que as amostras são formadas por indivíduos com maior domínio sobre os modelos de escrita. Vale ressaltar que, ainda assim, entre os informantes das “cartas cariocas”, o *te* continuou sendo a forma mais frequente, revelando certa “imunidade” desta variante ao paradigma adotado para a função de sujeito (exclusivamente *tu*, exclusivamente *você* ou alternância *tu/você*). O *te* é uma marca legítima de 2ª pessoa do singular, sempre apresentou altos índices de uso e seu uso “não uniforme” não gera estigma social. Na combinação desses fatores pode estar a resposta para explicar “sobrevivência” de tal clítico no sistema pronominal do PB.

Além de analisar a distribuição e frequência das variantes dativas de 2SG, foram realizadas também análises multivariadas, através das quais se buscou correlacionar alguns fatores linguísticos e extralinguísticos ao fenômeno investigado. Tendo em vista o número de variantes relacionadas à variável dependente, optou-se por fazer rodadas binárias que contrapuseram o clítico *te* às demais formas menos produtivas, mas presentes na amostra. Tais análises parciais também se justificam pelo fato de o clítico *te* ter sido a variante majoritária em todos os grupos de fatores analisados. Ao todo, foram feitas três rodadas binárias: *te* vs. *objeto nulo*; *te* vs. *lhe* e *te* vs. *sintagmas preposicionados*. No primeiro caso, analisaram-se as duas formas mais produtivas no *corpus*; no segundo, foram confrontados os dois clíticos (o *te*, original de 2SG e o *lhe* que migrou da 3SG); por fim, contrapôs-se o clítico mais produtivo aos sintagmas preposicionados do paradigma de *tu* (*a ti*, *para ti*) e do paradigma de *você* (*a você*, *para você*)⁸.

Quanto às variáveis independentes, dois grupos de fatores foram correlacionados à variável dependente: a forma pronominal utilizada na posição de sujeito e o subgênero de carta particular.

O controle da variável forma pronominal utilizada na posição de sujeito tem como objetivo traçar um paralelo entre o sistema de 2SG predominante na posição de sujeito e as formas do complemento dativo, a fim de verificar se haveria ou não correlação no uso das estratégias nessas duas posições sintáticas. As possibilidades previstas por este grupo foram propostas em Lopes e Cavalcante (2011): remetentes com uso exclusivo do pronome *tu* como sujeito em uma mesma carta, remetentes com uso exclusivo de *você* como sujeito em uma mesma carta e remetentes com mescla de tratamento entre *tu* e *você* em uma mesma carta. A hipótese relacionada a esse grupo de fatores é que o uso do clítico *te* não seria condicionado pelas formas na posição de sujeito, visto que este apresenta uma produtividade significativa nos contextos de mescla de tratamento e mesmo nos contextos com uso exclusivo de *você*.

⁸ Embora se reconheça que, em alguns contextos sintáticos, o clítico *te* não constitui, no sentido laboviano, uma variante legítima dos sintagmas preposicionados, tal decisão metodológica respalda-se no fato de que, em sentido amplo, ambas as formas constituem variantes tratamentais, uma vez que estabelecem sempre referência à 2SG e, em um grande número de contextos, são intercambiáveis:

1. João **te** deu um presente João deu um presente **a ti / para ti / a você / para você**.
 2. As últimas notícias **te** interessam As últimas notícias interessam **a ti / para ti / a você / para você**.

A segunda variável controlada, subgênero de carta particular, tem como objetivo principal examinar se os subgêneros listados na seção 2 (carta pessoal, carta familiar e carta amorosa) condicionariam, de alguma maneira, o uso das formas de dativo. Por hipótese, supõe-se que as cartas amorosas favoreceriam o uso de formas relacionadas ao pronome *tu*, já que este subgênero traria consigo um traço lírico-romântico típico do discurso amoroso. Além disso, acredita-se que o clítico *lhe* tenha seu uso favorecido pelas cartas em que há menor grau de intimidade entre remetente e destinatário (nas cartas familiares e, principalmente, nas cartas pessoais).

A seguir, serão apresentados os resultados das rodadas binárias, com número de ocorrências, frequências e pesos relativos calculados com o auxílio do programa *GoldVarb-X*.

Variantes dativas mais produtivas: clítico te vs. objeto nulo

Na Tabela 5, apresenta-se o resultado da rodada binária entre o clítico *te* e o objeto nulo:

<i>Grupo de Fatores</i>	<i>Fatores</i>	<i>Nº/T</i>	<i>Frequência</i>	<i>P.R.</i>
Forma utilizada na posição de sujeito	Tu	194/229	84,7%	.525
	Você	85/165	51,5%	.417
	Tu/Você	184/234	78,6%	.595
Subgênero da carta pessoal	Pessoal	91/127	71,7%	.679
	Familiar	180/263	68,4%	.400
	Amorosa	193/255	75,7%	.512

Tabela 5. Análise multivariada das formas dativas *te* x \emptyset (Valor de aplicação: clítico *te*).

O resultado obtido para a variável *forma utilizada na posição de sujeito* demonstra que o clítico *te*, em oposição ao objeto nulo, é levemente favorecido pelas cartas em que há alternância entre *tu* e *você* na posição de sujeito, conforme indica o peso relativo de 0.595. Nas cartas em que há o uso exclusivo da forma *tu* na posição de sujeito, esse índice é ainda menor (0.525), o que pode indicar uma variação mais acentuada entre o preenchimento *versus* o não preenchimento do dativo nesse tipo de carta. Já nas cartas em que há o uso exclusivo da forma *você* na posição de sujeito, o peso relativo aponta para um desfavorecimento da estratégia clítica (0.417); nesse contexto, o dativo nulo seria favorecido. O exemplo a seguir traz uma ocorrência de dativo nulo extraído de uma carta em que há uso exclusivo do *você* na posição de sujeito:

- (25) E eu \emptyset peço que você não compre muito para as crianças que eu estou num esforço de valorizar o que eles têm. Se você me aparecer com muita coisa por aqui eu não vou deixar você lhes dar. Eles só saberão o valor das coisas se não as tiverem com total facilidade. [31-08-1980?]

Quanto ao *subgênero de carta particular*, os resultados revelam que as cartas pessoais parecem favorecer o emprego do clítico *te* (peso relativo: 0.679), em oposição ao objeto nulo. As cartas amorosas também favoreceram, em menor escala, o uso da variante clítica (0.512). As cartas familiares foram as que mais desfavoreceram o emprego do *te*, (peso relativo: 0.400). A variante nula, portanto, foi favorecida nesse subgênero. Uma possível explicação para esse resultado seria a natureza das relações entre remetente e destinatário nessas cartas e a neutralidade do objeto nulo (cf. BERLINCK, 2005): nas cartas familiares, predominam as relações assimétricas entre remetente e destinatário (pai e filho, tio e sobrinho etc). Assim, a natureza neutra do objeto nulo, que não encerra em si nenhum valor sociopragmático claro (intimidade ou formalidade, por exemplo), pode ter favorecido o uso dessa variante nesse tipo de carta em oposição ao clítico *te*, que, em vários contextos, pode exprimir intimidade ou proximidade entre remetente e destinatário (que é característica das cartas amorosas e pessoais, nas quais predominam relações simétricas). Os exemplos a seguir ilustram a ocorrência do clítico *te* e do dativo nulo em excertos de uma carta amorosa e de uma carta familiar, respectivamente:

- (26) Minha querida tu sabes perfeitamente que toda a oportunidade que posso aproveitar é somente para escrever ~~te~~, porque não me saes, um único segundo da lembrança (...) [16-03-1937]

- (27) (...) ficamos sabendo que você estivera doente, o que mamãe já desconfiava por falta de cartas suas. Estimamos que agora esteja bom e **o** pedimos notícias. [08-06-1917]

Sendo assim, pode-se dizer, com base nas frequências e nos pesos relativos encontrados na rodada binária, que o clítico *te* foi favorecido pelos subgêneros carta pessoal e carta amorosa, e quando o escrevente empregava exclusivamente *tu* ou alternava entre *tu* e *você* na posição de sujeito. Em contrapartida, os ambientes que se mostraram mais propícios ao emprego do objeto nulo foram: as amostras de cartas familiares e as cartas em que se empregava predominantemente *você* na posição de sujeito.

Variantes dativas de origens distintas: clítico te vs. clítico lhe

A Tabela 6 traz os resultados da rodada binária entre os clíticos *te* e *lhe*:

Grupo de Fatores	Fatores	Nº/T	Frequência	P.R.
Forma utilizada na posição de sujeito	Tu	194/195	99,5%	.942
	Você	83/158	52,5%	.028
	Tu/Você	184/191	96,3%	.598
Subgênero da carta pessoal	Pessoal	91/136	66,9%	.366
	Familiar	178/223	79,8%	.231
	Amorosa	193/195	99,0%	.853

Tabela 6. Análise multivariada das formas dativas *te* x *lhe* (Valor de aplicação: clítico *te*).

Os índices registrados quanto ao grupo *forma pronominal de 2SG empregada na posição de sujeito* são, em alguns casos, previsíveis, visto que o *te* é altamente favorecido nas cartas com uso exclusivo de *tu* na posição de sujeito (0.942), seguido das cartas com uso variável de *tu* e *você* como sujeito (0.598). Esses resultados são semelhantes ao que foi observado na rodada anterior, em que se opôs *tu* e objeto nulo. Dois índices, contudo, precisam ser analisados atentamente. Em cartas com uso exclusivo de *você* na posição de sujeito, o clítico *te* foi fortemente desfavorecido (0.028). Esse resultado parece ter sofrido influência das missivas do primeiro e quarto períodos: nas primeiras, há um uso do *você* ainda com caráter de pronome de tratamento; nas últimas, o uso "simétrico" do *você* com o clítico *lhe* aparece em cartas de remetentes com alto domínio dos modelos de escrita e que, portanto, parecem tentar seguir uma uniformidade de tratamento:

- (28) Anexo mando **lhe** uma carta de Hélio Tellegrino e gostaria que você refletisse sobre o que ele fala, tá? [??-03-1982]
- (29) Você disse que encontrou com o Pieroni, não é? Devo **lhe** confessar que sinto um carinho muito grande por ele. [??-03-1982]

Os resultados para o grupo *subgênero de carta particular* demonstram que, nas cartas amorosas, o clítico *te* foi bastante favorecido frente ao clítico *lhe*, como indica o peso relativo de 0.853. Já nas cartas familiares e pessoais, embora tenham sido registrados percentuais de frequência consideravelmente altos (79,8% e 66,9%, respectivamente) para o clítico *te*, tal variante foi desfavorecida, conforme sinaliza o peso relativo de 0.231 para as cartas familiares e de 0.366 para as cartas pessoais. Sendo assim, nestes subgêneros, o emprego do clítico dativo *lhe* foi favorecido: dos 92 dados de clítico *lhe*, apenas 2 foram registrados em cartas amorosas; os outros 90 dados dividem-se igualmente entre as cartas pessoais e familiares.

No que se refere às assertivas de Gomes (2003) e de outros estudiosos que afirmam que, no dialeto da área do Rio de Janeiro, o pronome *lhe* teria adquirido caráter de formalidade, os resultados obtidos nessa rodada parecem sustentar essa hipótese: na área do Rio de Janeiro, o clítico *lhe* sempre deteve um traço sociopragmático associado à formalidade. Percebe-se que, em diversas cartas familiares e pessoais, remetentes e destinatários de

diferentes décadas (i) não possuíam alto grau de intimidade, ou (ii) tratavam de assuntos financeiros e/ou políticos que exigiam um tom de seriedade na escrita. Um número expressivo de clítico *lhe* aparece nesses casos, motivados pelo caráter [+formal] dessa variante. Os exemplos abaixo ilustram essas ocorrências:

- (30) Alarico Land Avellar para o pai: Bom é, todavia, que ele se lembre que já possuo 5/7 do negócio e que, de nenhum modo, me fará de tolo. Agora, em vez de histórias do José, peço-**lhe** que procure o rapaz e fale-**lhe** diretamente, pondo o negócio em pratos limpos. [09-09-1916]
- (31) Anna Espínola ao primo Cupertino: Já tive notícia de ter João recebido os 100\$, o que de novo **lhe** agradeço. Porém o que ainda não sei é que quantia Maninha entregou-**lhe**, porque eu mandei dizer a ela que entregasse 200\$. Peço-**lhe** que me responda sobre isto e também me diga quanto **lhe** devemos das duas publicações que o Espinola mandou fazer. [14-11-1874]
- (32) Francisco Soares Brandão ao “Embaixador”: (...) não ofereça, mais livros, venda, na certa não **lhe** escrever, mostrando interesse em possuir o livro, não ofereça diga que está a venda em tal livraria e envie o endereço (...). [25-06-1972]

Em suma, analisando especificamente as formas clíticas de dativo de 2SG presentes no *corpus* (clítico *te* vs. clítico *lhe*), observou-se que a variante *te* foi favorecida nas cartas em que se utilizava somente o pronome *tu* na posição de sujeito e naquelas em que havia alternância entre *tu* e *você* na posição de sujeito. Além disso, as cartas amorosas favoreceram mais intensamente o uso dessa variante. Por outro lado, constatou-se que o emprego do clítico *lhe* foi propiciado pelas cartas familiares e pessoais e naquelas em que se empregava majoritariamente *você* em posição de sujeito.

Variantes conservadoras e inovadoras: clítico te vs. sintagmas preposicionados

Apresenta-se, na Tabela 7, o resultado da rodada binária entre o clítico *te* e as formas dativas preposicionadas. Como mencionado em linhas anteriores, o intuito dessa rodada era opor a variante mais frequente na amostra (*te*) aos sintagmas preposicionados que, de maneira geral, apresentaram baixa frequência de ocorrência. Apesar das notáveis diferenças estruturais existentes entre essas variantes, optou-se por confrontá-las a fim de identificar possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que favoreceriam uma estratégia em detrimento de outra. O resultado da rodada é exposto abaixo:

Grupo de Fatores	Fatores	Nº/T	Frequência	P.R.
Forma utilizada na posição de sujeito	Tu	194/211	91,9%	.733
	Você	85/120	70,8%	.147
	Tu/Você	184/205	89,8%	.500

Tabela 7. Análise multivariada das formas dativas *te* x *sintagmas preposicionais* (Valor de aplicação: clítico *te*).

Em primeiro lugar, cabe destacar que, nesta rodada, a variável *subgênero de carta particular* não foi significativo estatisticamente, fato que justifica a análise apenas da *forma pronominal utilizada na posição de sujeito*. Em relação a esta variável independente, observa-se que o clítico *te* registrou um peso relativo elevado nos contextos em que há o uso exclusivo de *tu* (0.733). Nos contextos em que há o uso exclusivo do pronome *você* na posição de sujeito, o emprego da variante *te* é desfavorecido em termos do seu peso relativo (0.147).

Esse resultado parece evidenciar que, nas cartas em que há o uso exclusivo do *você* na posição de sujeito, outras formas variantes diferentes do clítico *te* ganham espaço para representar o dativo de 2SG. Nesse caso, os sintagmas preposicionados foram favorecidos nos documentos analisados.

Outro índice de peso relativo que merece comentário é o verificado para a mescla de tratamento na posição de sujeito: nesse contexto, a variante *te* registra 0.500, ou seja, exatamente 50% de chances de ocorrer. À primeira vista, isso parece não significar muito; porém, vale lembrar que, no binário *te* x *Sintagmas preposicionados*, opõe-se o clítico a quatro variantes (*a ti, para ti, a você e para você*). Assim sendo, o peso relativo observado sinaliza que, nas

cartas em que há alternância entre *tu* e *você* na posição de sujeito, a variação na expressão do dativo também se mostra mais intensa, com as diferentes variantes em competição.

Considerações finais

Com base nos resultados obtidos pela análise empreendida acerca da representação da 2ª pessoa do singular na posição de dativo em cartas particulares escritas entre as décadas 1880 e 1980 por cariocas e fluminenses, é possível sumarizar alguns aspectos sobre o assunto.

Primeiramente, é preciso sublinhar a importância da Sociolinguística histórica dentro desse estudo. Dada a natureza e especificidade do *corpus* histórico, seria inviável analisar os dados obtidos a partir de fatores como gênero, faixa etária ou classe social, pois as informações disponíveis para informantes do passado são, em geral, incompletas, fragmentárias e escassas. Em contrapartida, a análise da variação em perspectiva histórica torna-se factível se se conjuga aos princípios teóricos da sociolinguística laboviana os procedimentos metodológicos propostos pela sociolinguística histórica. Assim, foi possível observar a dinâmica das variantes de dativo de 2SG na diacronia carioca/fluminense.

Verificou-se que o clítico *te* era, de fato, a forma pronominal de complemento dativo mais frequente na escrita dos informantes da diacronia estudada. Um fato curioso que pôde ser evidenciado na análise dessa variante foi sua “aparente imunidade” à estratégia utilizada na posição de sujeito. Isso significa dizer que, independentemente do subsistema de tratamento empregado nessa posição – exclusivamente *tu*, exclusivamente *você* ou mescla entre *tu* e *você* –, o clítico *te* ocorria e com produtividade relativamente alta em quase todas as amostras apreciadas, podendo combinar-se com o pronome *você*.

Outra constatação feita em nossa pesquisa diz respeito ao objeto nulo. Conforme indicaram os resultados quantitativos, esta parece sempre ter sido a segunda variante de complemento dativo mais empregada. Além disso, os dativos nulos sofrem uma elevação de frequência notável após os anos 1930, ou seja, no período indicado pelos estudiosos em que a forma *você* começa a ser utilizada em textos escritos com estatuto de pronome pessoal.

O clítico *lhe* figurou no *corpus* analisado como uma variante de frequência irregular, cujo uso apareceu extremamente condicionado a variáveis de ordem linguística e extralinguística. A referida estratégia não sofreu aumento significativo de recorrência após a gramaticalização do *você*. Dito de outro modo, o pronome *você*, ao passar a ser utilizado como pronome pessoal, não trouxe consigo em grande intensidade a forma *lhe* para referência à 2ª pessoa do singular. Esta atua como dativo na escrita carioca/fluminense em contextos bem definidos, associado, principalmente, a cartas com menor grau de intimidade entre remetentes e destinatários conferindo caráter de formalidade.

Os sintagmas preposicionados registraram baixos índices de frequência em todos os períodos analisados. Sendo assim, percebeu-se que as três estratégias de realização do dativo – clítico, objeto nulo e sintagma preposicionado – apresentam uma organização estrutural diferente daquela observada para os complementos de 3SG, em que os índices das formas preposicionadas superam os índices dos clíticos (cf. FREIRE, 2000, 2005). Além disso, é interessante observar, ao longo do século investigado, o desaparecimento gradual de *a/para ti* seguido da emergência de *a/para você* na variedade do Rio de Janeiro.

No âmbito discursivo, constatou-se que os subgêneros do gênero carta particular influenciaram diretamente a ocorrência das variantes. De maneira geral, os resultados indicaram que o clítico *lhe* relaciona-se diretamente ao baixo grau de intimidade entre missivista e destinatário e, por isso, foi mais frequente em cartas trocadas entre amigos ou pessoas próximas dentro de um dado círculo de convivência social. Por outro lado, os sintagmas preposicionados *a/para ti* foram registrados, em sua grande maioria, nos dados extraídos das cartas amorosas, com um traço lírico-romântico marcante.

A uniformidade de tratamento não se revelou, na amostra, como uma realidade linguística concreta na escrita epistolar de fins do século XIX e quase todo o século XX. Encontra-se, em boa medida, a combinação *Você*-sujeito com *te*-dativo nos dados de indivíduos com diferentes graus de domínio de escrita (inclusive entre os “cultos”). Sendo assim, adotando os resultados dessa pesquisa, não haveria uma motivação/herança de cunho histórico para a preservação nos compêndios gramaticais e escolares de lições nas quais é prescrito o uso uniforme dos pronomes de referência à segunda pessoa.

Referências bibliográficas

- BERLINCK, R. A. O Objeto indireto no português brasileiro: um estudo diacrônico. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Orgs.). *Estudos de linguística histórica do português*. Araraquara: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2005. p. 123-139.
- _____. The Portuguese dative. In: VANBELLE, N.; VAN LANGENDONCK, N. (Eds.). *Case and grammatical relations across languages*. The dative. v. 1. Descriptive Studies. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 119-151.
- BRITO, O. R. M. de. "Faça o mundo te ouvir". *A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001.
- CALLOU, D.; BARBOSA, A. (Orgs.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.
- CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- ELSPASS, S. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 156-169.
- FREIRE, G. C. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- GOMES, C. A. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003. p. 81-96.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidad y escrituralidad a la luz de la Teoría del Lenguaje. In: _____. *Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano*. Madrid: Editorial Gredos, 2007. p. 20-42.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell, 1994.
- LOPES, C. R. dos S. O quadro de pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. *Matraga*, v. 19, n. 30, p. 116-141, 2012.
- _____. Tradição e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP, São José do Rio Preto), v. 55, p. 361-392, 2011.
- _____.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Lingüística* (Madrid), v. 25, p. 30-65, 2011. Disponível em: <http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em 03 set. 2013.
- MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- _____. *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PEREIRA, R. de O. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da família Penna: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e Sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

_____. *A implementação do ‘você’ no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, E. N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, P. F. *O Tratamento no Início do Século XX: Uma análise sociopragmática das cartas da família Land Avellar*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, J. P. F. de. *Mapeando a entrada do Você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VAN HOECKE, W. The Latin dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCK, W. *The dative*. v. 1: Descriptive studies. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 3-37.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, [1968] 2006.